

Agências ficaram famosas por erros

Nenhuma delas previu a crise da Ásia em 1997

Luciana Rodrigues

• Apesar do forte impacto que têm sobre os mercados financeiros quando são divulgadas, as avaliações feitas por bancos de investimento e agências internacionais de classificação de risco ficaram famosas, nos últimos anos, por graves erros e omissões. O caso mais conhecido é o da crise da Ásia, em 1997, quando nenhum banco ou agência advertiu seus investidores sobre o risco eminente de aplicar nos países da região. Também na crise do México, em 1995, os analistas não previram a desvalorização da moeda mexicana.

Anos mais tarde, durante a crise da Rússia, em 1998, as agências Moody's e Duff & Phelps Credit Rating colocaram o Brasil sob avaliação negativa. A um mês das eleições, o mercado reagiu mal e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, criticou as agências, assim como fez no começo desta semana, quando os bancos de investimento americanos Merrill Lynch e Morgan Stanley divulgaram relatórios desfavoráveis ao Brasil.

Na atual crise argentina, que já se arrasta por mais de um ano, os bancos e as agências também estão sendo criticados por terem subestimado a gravidade dos problemas hoje enfrentados pelo país. Assim como o Fundo Monetário Internacional (FMI) é alvo de críticas por ter apoiado um modelo econômico fadado ao fracasso.

Recentemente, uma omissão das agências de classificação de risco fez com que seus analistas tivessem que prestar explicações na Comissão de Assuntos Governamentais do Senado dos Estados Unidos. Essas instituições, assim como os principais bancos americanos, não fizeram qualquer alerta aos investidores sobre a situação financeira da gigante do setor de energia Enron, que foi à falência em dezembro do ano passado.

Muito pelo contrário: grande parte das análises sobre a empresa era extremamente otimista. Para se ter uma idéia, um relatório do banco americano Goldman Sachs, divulgado apenas dois meses antes da falência da

Enron, tinha o sugestivo título de "Still the best of the best" ("Continua a melhor entre as melhores").

O caso Enron suscitou uma verdadeira crise de confiança em relação aos bancos de investimento e às agências de classificação de risco. No caso dos bancos, os clientes passaram a questionar a isenção das análises feitas pelos economistas, já que essas instituições, muitas vezes, têm interesses em jogo, pois investem nas empresas ou nos países que estão sob avaliação.

Na opinião de alguns analistas, os recentes relatórios negativos sobre o Brasil podem ser uma tentativa desses bancos de parecerem mais rigorosos, tentando afastar o fantasma dos erros e omissões do passado.

— Durante muito tempo, as agências e os bancos recomendaram os investimentos na Argentina e na Enron e, depois, ficou provado que elas erraram ou subestimaram os problemas. Agora, essas instituições estão preocupadas com sua credibilidade e, por isso, tentam ser mais rigorosas — diz a economista Sandra Utsumi, do BES Investment.

O editorial "Riscos no Brasil", publicado anteontem pelo jornal inglês "Financial Times", alertava que é um erro exagerar os riscos da economia brasileira. "Para começar, (Lula) da Silva, derrotado três vezes para a Presidência, no passado, já esteve mais à frente ainda nas pesquisas. E mesmo que ele ganhe, há motivo para se acreditar que um governo do PT seria mais moderado no poder do que os críticos do partido esperam", diz o texto.

"Além do mais, as peculiaridades do sistema eleitoral brasileiro provavelmente obrigariam um governo do PT a fazer alianças com partidos mais moderados no Congresso para poder governar", acrescenta o texto. O jornal diz que os investidores não podem relaxar, mas lembra que o Brasil "é hoje um modelo de estabilidade em comparação com seus vizinhos e seu passado, desfrutando dos benefícios de uma inflação baixa e do forte fluxo de investimento externo".